



REDAÇÃO O SOBRE MINHA COR

José Cláudio da Silva

A minha cor é pálida e o meu cabelo quando deixo crescer dá para pentear. Da Bahia pra cima e da classe média pra baixo posso dizer que sou branco. A mucosa do bico dos peitos, dos lábios, do pênis, não é roxa como a dos negros e sim rósea, e as minhas feições, que eu saiba, nunca me separaram do branco: branco sem vacilações, como está na carteira de identidade obtida no Recife ou nos registros feitos em Ipojuca pela escritã Dona Hilda da Costa Monteiro. Os meus apelidos, tanto em Ipojuca como no Recife, no internato do Colégio Marista, não se referiram a raça: eu era Sapo (botado por seu Zé Uz), as Massas (botado por seu Barreto), Zé Pereba e Zé Muleque, como meu pai chamava, mas tanto o *muleque* (filho de branco é menino, filho de negro é muleque) como o *pereba* ganhavam na boca de meu pai um grau de ternura e brincadeira de que até hoje para mim estas palavras estão carregadas longe do desprezo, do querer rebaixar, com que possam existir noutro dicionário. No caso de Zé Pereba o apelido funcionou como um escape, numa certa época de minha meninice, para o desgosto que me causava o meu corpo coberto de perebas, que eu descascava e espremia e que se transformou até num prazer secreto, somente substituído mais tarde pelo da masturbação. E em Ipojuca quem era branco era da minha cor, a não ser as exceções dos padres alemães e mais duas ou três famílias que nos pareciam remanescentes de outra época ou de outra

gente, ou os curaús alourados, os sararás de beiços estourados que vinham entregar o couro ao pelo da cana e depois desapareciam. Eu ligava brancura a doença, a anemia, a morte, à branquidez dos cadáveres.

Via dizer que os latinos são morenos, e sabendo que português é língua latina enxergava uma certa bastardia era nos que, sem serem morenos, falavam língua latina: língua e cor ligadas, como a cor da casca ao sabor da fruta.

Considerava-me pois muito bem enquadrado, e o mais preto, ou o mais branco, é quem tinha saído do armazém.

Meu cabelo cacheado, alisado com brihantína, acreditava bonito, e pensava que quando se elogiava a cor morena se elogiava precisamente a mim.

A descoberta de que não era branco não me causou o impacto que causou a um Lima Barreto, nem chegou mesmo a ser uma descoberta. Isso porque na Bahia, e numa época em que o Brasil já começava a não ter acanhamento de ser Brasil, de não ser um país da Europa ou os Estados Unidos. Passou-se assim: eu estava no andaime trabalhando num mural com o meu camarada e falávamos a respeito de um assunto qualquer, eu completamente despreocupado. Tanto que da conversa só me lembro quando ele disse: "*Tu? Tu és negro!*" Acho que a gente falava da proporção entre brancos e negros na arte brasileira, especialmente nas artes plásticas, que era a que a gente conhecia mais de perto, e eu me sentia isentado, quando nada por não

poder me considerar um pintor: pintor era Di Cavalcanti, Cícero Dias, Tarsila do Amaral. Eu era um Zé sem ser pintor nem branco nem preto. Às vezes se discutia, numa roda, sobre mulher branca e mulher preta. Um dizia que o louro da mulher branca e loura o excitava, já outro só sabia deitar com negras.

Um preferia o corpo sinuoso da negra, outro a discrição de formas da branca, numa conversa que em geral não se chegava a nada, porque mulher de qualquer raça é bonita. Quanto à figura do homem, achávamos em geral mais bonito o negro, e de fato, como figura solta na paisagem, aqueles pretos fincados na areia da praia, como o do desenho de Caribé que saiu na capa da Revista da Civilização Brasileira, reduziam a afeminados ou grotescos os apoios, davis, hérules de toda a estatutária branca.

Estávamos os dois a sós. Sabia eu que ele amava a raça negra, a ponto de se sentir alienado em ser branco, por mais que isso lhe fosse confortável. Não apenas o aspecto exterior do negro, mas o comportamento igualmente, o jeito de estar no mundo, que ele estimava. Quando me disse: "Tu? Tu és negro!", havia nele uma tristeza de alguma coisa que não se pode alcançar, como quem diz "Tu? Tu é feliz!", como quem diz: "Recebeste de graça, e nem sequer sabias, uma coisa que eu tenho empenhado toda a minha vida para obter".

Eu nunca me havia ocupado com essa questão de cor. Considerava narcisismo aceitável nas mulheres. Quase não conheci meus avós, ou conheci mas sem observar por esse lado. Meu avô Cândido Miguel Teixeira Pinto (será que eu sou parente de Bento Teixeira Pinto?) era moreno de cabelos lisos, diria um índio, não fosse o rosto fino, o nariz aquilino, Minha avó Joquinha, Joana Graciana de Albuquerque Pinto, era mulata cor de canela, dos cabelos de escadinha, sempre amarrados num coque, o que fazia parecerem lisos. O pai do meu pai, Joaquim Pedro da Silva, ou melhor, Pedro Taveira, porque era morador do Engenho Taveira, uns mangues perto do Massangana de Joaquim Nabuco, embora a cara queimada pelo sol, que ele atravessou a vida pegado no cabo da enxada, possuía olhos claros e feições finas, cabelos finos, que se podia ver embora usasse raspados. Alto, esguio, o chapéu de palha de abas largas, como um bacalhau na vara. Quando me entendi de gente ele morava com uma preta

retinta, Sá Zabé, mas que não era mãe de meu pai, morta esta meu pai ainda menino, se não me engano ao nascer. Minha mãe é morena do cabelo crespo, ondulado grosso, mas longe de pixaim.

Não julgava que se pesquisasse o passado para descobrir o rastro do negro (o um-dezesesseis-avos, dos americanos), e continuei branco, a considerar que gente mais branca do que eu, na Bahia como em Ipojuca, era um fenômeno, uma novidade, e numa tal quantidade de nuances não podia saber o limite exato entre ser preto ou ser branco. No entanto, apesar da suavidade com que o amigo me soprou no ouvido a palavra *negro*, qualquer referência a negritude em mim terá sido feita depois daquele dia, como quando escrevi, no capítulo "Bahia, baiana, baiana": "Fumaça que saía do túmulo dos negros meus tataravós", em *Viagem de um jovem pintor à Bahia*.

Minha mãe falava de negro como quem se agrada. Gostava de ver tanto uma negra saudável de dentes bonitos, um negro tirador de coco fantasiado em dias de carnaval, um negro de canela seca e calcanhar para trás, um negrinho gordo e corado metido em roupinha endomingada, como igualmente gabava o negro subido na escala social, doutor ou proprietário, embora não aceitasse que uma de suas filhas se casasse com ele. Considerava obrigação *limpar a raça*, clarear a pele, alisar o cabelo. Apesar de nunca lhe ter perguntado, sei que não se conformava com a minha rendição à cor mais tostada, que era uma questão de costume, era a cor que eu aprendi a ver, era a água que eu bebia. Com uma moça branca não me sentia à vontade, faltava-me essa disposição de agredir, de tomar como coisa minha, com medo de *rasgar a boca*, talvez por coincidir, hoje ou no passado, me terem incutido a cor branca com a condição social mais elevada. E daí? — perguntará o leitor. Daí que qualquer administrador de engenho pode mandar dar surra, capar, matar, mesmo hoje (1968), o atrevido, *pra exemplar, pra mostrar que ainda tem homem*. Mesmo quando as barreiras se desmoronassem, bem sabia que a minha carne não iria nunca entrar naquela outra carne, sabia que aqueles seios não tinham sido feitos para eu pegar com as minhas mãos, talvez por ter aprendido ainda por cima a desejá-los com nojo de mim mesmo nas estampas da Virgem Santíssima, me achando baixo, me achando sujo, me achando, quem sabe, negro.

A palavra ternura para mim tem cor morena, como o calor que sentia em torno de mim. Desde o moreno pálido como o meu até o castanho entrando pelo preto. Um nariz grosso, uma boca de beijos grossos. Mas negra pura mesmo, negra João, eu não via em proporção necessária a educar o meu gosto por elas. Não sabia antes desenhar uma negra a não ser como escrachamento da branca: uma branca de venta de parracha, de pé de bater banha. Na Bahia foi que vi surgir a deusa negra quebrando, como a um vaso imprestável, a sua caricatura instalada dentro de mim por séculos de dominação branca. O entusiasmo foi tão grande que logo em seguida seria preciso nada menos que me desvendassem, para que eu pudesse apreciar, a beleza de outro tipo de mulher que não carregasse em cima de si aquele dá-e-toma, aquele brilho de pele, a pimenta-do-reino grudada no cangote roliço, aquele *renque*, as nuances de roxo, de terras, o cheiro, a cintura lisa, o corpo selado, o bambo-leio das formas, aquele tipo de encaixe de ombros com o pescoço, dos braços no tronco, das pernas que continuam o corpo bipartido sem interrupção, e no lugar da buceta uma sapota cascuda, rachada escorrendo mel.

Quando o amigo disse: "Tu? Tu és negro!" eu pensei em minha mãe. Mais uma morte para ela, embora ela tomasse aquilo, na certa, como desaforo.

No Brasil quem escapou de preto é branco, como sempre ouvi dizer. Uma das satisfações que sempre tive foi a de, no meio de branco, passar por branco, e no meio de preto por preto. Para qualquer um tenho *defunto ladrão*.

Quem seria ele, o último negro puro que entrou na minha composição? Quando e como, em que situação, começou essa mistura de que sou um dos frutos? Teria sido um marinheiro bêbado a acosar uma negrinha no porão do navio negreiro? Ou um capanga que descabou uma negrinha dentro das canas? Teria sido uma negra bonita, uma Fulô, dessas que enlouqueciam as senhoras de ciúme e eram mandadas ao açoite, ou mesmo mandada assassinar pela patroa? Ou teria sido um simples divertimento de um patrãozinho se exercitando nas crias? Qual teria sido o meu último avô preto? Não sei por que imagino-o ferreiro numa tenda na África, catando pedaços de ferro no chão de areia preta em torno da forja e transformando-os em instrumentos de cortar, de cavar. Sinto o seu suor

escorrer do meu sovaco quando me ocupo com uma escultura ou um quadro, a sua paciência a me fornecer meios de suportar as oito horas de trabalho numa mesa de desenho de repartição pública. Vejo os seus olhos olhando de dentro dos meus, reflexos verdes de folhas, vermelhos de ferro em brasa. Queima em meus lábios a sede inextinguível dos peitos que ele chupava. Ele está aqui quando olho para um cachorro e flagro no olhar do cachorro o mesmo meu e sinto que sou canino, ou olho para um boi e sinto que sou ruminante, e quando eu sinto que sou do mato, que sou da noite no mato, quando eu sinto vontade de esfolar um bicho e esticar-lhe o couro com na boca do pau oco e bater, bater, bater. Quando eu peguei pela primeira vez num atabaque ou num chocalho foi como se tivesse pegado no que era meu. Não contei as batidas, não marquei os espaços, não observei como se batia nem como se segurava o instrumento. Lembra-me das toadas e o couro ou o ferro falavam sem que eu soubesse onde minhas mãos tinham ido buscar tal experiência. Dentre os santos do candomblé eu compreendi de imediato só pelo toque a brutalidade visceral, a selvageria e desperdício de Xangô, enquanto Omolu era rude porque sofria. As pessoas para mim são Oxalás, são Oxuns, e sem querer vejo Ossãs e Exus entre os meninos da vizinhança. No cajueiro defronte da minha casa vi um Oxosse engalhado disfarçado em cervo. Derrubei o cajueiro para retirá-lo, minha primeira escultura. Uma porção de gostos me ficaram gravados de ideal de vida perto da natureza sem querer corrigi-la. Uma profunda incapacidade de seguir raciocínios, de estruturar, de ser lógico, uma inclinação a enxó e ao ferro batido, ao charuto enrolado à mão nas coxas das negras charuteiras (daí talvez o inebriante cheiro), o mel de abelha, a banana, os mingaus, as papas, os angus e acaçás. Temor a compromissos. Incapacidade de me sentir europeu ou latino-americano, ou mesmo sertanejo ou agrestino: sou mesmo da bagaceira, de ter senhor, de fugir para o quilombo, de roubar mel e ir para o tronco. Tenho medo de fardado, tenho medo de rico, tenho medo de lei, tenho medo de doutor.

José Cláudio da Silva é artista plástico e escritor pernambucano.

**Novos Estudos Cebrap, São Paulo,
v. 2, 1, p. 73-75, abr. 83**

